



El Greco

NATAL 2011

UM MENINO TÃO

SUBVERSIVO

E a Palavra se fez carne
e armou a tenda no meio de nós
e nós contemplámos a sua glória
a glória de Filho único do Pai
cheio de amor e fidelidade.

Evangelho de João 1,14

Com dificuldades ou sem elas, nós acreditamos vivamente que o Natal recorda o facto ímpar da irrupção do nosso Deus na história: “armou a sua tenda entre nós” (Jo 1,14) pois quis “despojar-se da sua condição divina para se tornar um de nós” (Fil 2,6-7) e salvar-nos. Salvar a todos.

Jesus quis mostrar-nos o Pai, dele e nosso, e falar-nos do seu Reino de justiça paz e alegria, não só por palavras mas sobretudo pelo estilo de vida. Logo ao nascer, este Menino começou a pôr em causa a sociedade. Os primeiros a saberem do seu nascimento foram os pastores, gente reles e excluída da sociedade. Este simples gesto anunciava já o quanto ia ser subversivo o seu programa: uma sociedade nova, um mundo diferente, onde cada um fosse amado e se sentisse amado. Fez deste projecto a

missão da sua vida com tal entusiasmo e convicção que acabou desqualificado na Cruz mas autenticado na Ressurreição. Com Jesus, tudo seria diferente, porque iria virar a sociedade do avesso. Apesar dos elogios a João Baptista, Jesus marca as diferenças: nunca fala da "ira de Deus", mas do seu amor gratuito; não apresenta Deus como justiceiro mas como salvador misericordioso. Com Ele, o medo e a condenação dão lugar à alegria e ao acolhimento: Deus ama-nos sem condições.

No Sermão da Montanha, afirma o que os conterrâneos negavam. A riqueza era um sinal da bênção divina; pois Jesus proclama "felizes de vós os pobres" e "ai de vós ricos". É que o Reino de Deus é um Reino onde a partilha é lei sagrada e os ricos não sabem partilhar, como verificou Lázaro e o poderia comprovar o buraco da agulha. Manda oferecer a outra face em vez de responder com violência, amar e rezar pelos inimigos, fazer o bem a quem nos faz mal, perdoar setenta vezes sete. Isto é loucura (humana). Chama bem-aventurados aos que são perseguidos por causa da justiça, porque bem sabe que a causa da justiça só avança com sangue, suor e lágrimas. Considera as crianças como modelos para entrar no Reino do Céu e identifica-se a tal ponto com os mais débeis que todos seremos avaliados pelo modo como cuidamos dos outros, especialmente os mais esquecidos.

Afirma que todos temos a mesma dignidade. Por isso, "os últimos serão os primeiros e os primeiros os últimos"; fala com a samaritana pagã e mulher em plena luz do dia; obriga os guardiães zelosos da Lei a não condenar a mulher adúltera; toca nos leprosos, cura-os e manda-os aos sacerdotes para que recuperem a sua dignidade de cidadãos livres; come e bebe com os publicanos manifestando a hospitalidade bondosa de Deus. Mas também come com os ricos: faz-se convidado para casa de Zaqueu e transtorna-lhe a vida; vai a casa de Simão para lhe mostrar como aceitar a mulher pecadora, mas ele não quis perceber. Porque isto é loucura (humana).

Jesus não só afirma a igual dignidade de todos, mas coloca essa dignidade acima de tudo. Do sábado: "o sábado foi feito para o homem" (Mc 2,27). Das ofertas cultuais: "se tens alguma coisa contra o teu irmão deixa a tua oferta e vai reconciliar-te com ele" (Mt 5,24). Do culto: denuncia o abandono do homem a esvaír-se em sangue porque o turno no Templo não podia esperar (Lc 10,30-37).

Este Menino, tão débil veio para subverter o mundo dos poderosos, os adoradores do dinheiro, do poder e do prazer, de modo a que todos tenham uma vida digna. Para isso, calcorreou veredas e aldeias a pregar a conversão dos estilos de vida e a reinvenção de uma sociedade nova. Mas a sua proposta era tão insuportável que os familiares o chamaram maluco ("Enlouqueceu": Mc 3,21) e tão subversiva que os chefes religiosos não tiveram alternativa: "ou ele ou nós; portanto, temos de o matar" (Jo 11,51).

"Graças a Deus" que nós não somos loucos e não andamos por aí, como Jesus, a lutar por um mundo novo. Mas sabemos queixar-nos das crises, do mundo injusto, da Igreja velha e acomodada, sem perceber que isto só acontece porque é muito mais agradável estarmos no quentinho do Monte Tabor que cometer loucuras que só nos podem levar à cruz. O pior é que sem Cruz não há Ressurreição.

Celebrar o Natal é recordar este Deus que sempre será "sinal de contradição" (Lc 2,34): louvá-lo na sua onipotência e servi-lo na sua debilidade assumida nas vítimas deste mundo. Uma atitude é demasiado fácil, mas não basta para entrar no Reino de Deus (Mt 7,21); a outra demasiado difícil, mas é a exigência para entrar nele (Mt 25,40). De qualquer modo, não podemos viver uma sem a outra, "porque o que disse 'Isto é o meu corpo' e com a sua palavra firmou a nossa fé, é o mesmo que disse 'Tive fome e não me destes de comer'" (s. João Crisóstomo).

**PARA TODOS OS NOSSOS VOTOS PARA QUE
ESTE ANO DE 2012, APESAR DAS DIFICULDADES ANUNCIADAS, SEJA VÍVIDO NA
CERTEZA DE QUE SOBRE AS NUVENS AMEAÇADORES, O SOL CONTINUA A EXISTIR
E ACABARÁ POR DISSIPÁ-LAS**

David Renata Tahue Zédis